

O Médico e o elefante

Jorge C.B. Leite

*Diretor de Defesa Profissional da SORL-RJ
Coordenador da Câmara Técnica de ORL do Cremerj*

Marcos Sarvat

*Secretário Geral da SOMERJ
Conselheiro Responsável pela Câmara Técnica
de ORL do Cremerj*

A Medicina continua sendo a carreira mais disputada em todos os vestibulares realizado no país. Por essa razão, pelo número limitado de vagas, faz com que, somente aqueles que demonstrem melhor preparo, por meio de sua pontuação no processo seletivo, sejam admitidos no curso para graduação.

Mas a exigência profissional não pára por aí. Após os 6 anos de graduação há o concurso para Residência Médica na especialidade escolhida. Nova disputa para mais 2 a 5 anos de estudo também em horário integral, com plantões semanais. E, esperamos, virá em breve o Exame de Ordem, criando obstáculos à proliferação das escolas médicas de má qualidade.

Ao final da Residência Médica, nova prova, desta feita para sua titulação efetiva como especialista.

Pode-se perceber que o Médico é um profissional diferenciado, que estuda muito, para no fim de tudo, submeter-se a consultas com valores impostos por planos e seguros saúde a R\$ 25,00, salários médios de R\$ 700,00 por 24 horas semanais de trabalho.

E como se isso não bastasse, alguns poucos frustrados em não conseguir ser admitidos na carreira médica, buscam profissões para-médicas e “protestam” contra o “ATO MÉDICO”, evocando seu “direito” como médicos “mais baratos”.

É chegado o momento de se dar um BASTA a essa situação.

Outrora, a liberdade de escolha do médico pelo paciente e a liberdade do médico em estabelecer seus honorários eram princípios, que permitiam ao médico, submeter-se ao salário público, que era bastante razoável, segundo os mais antigos, que somado aos ganhos de sua clínica privada lhe permitiam manter um padrão digno de vida e de atualização profissional.

Atualmente o médico é um proletário da saúde, que estuda mais e ganha menos que antes.

A decadência é tal, que hoje em dia, o médico é desrespeitado publicamente por aquelas profissões que ajudou a criar, e pelos profissionais que ajudou a formar. É preciso que nos manifestemos contra tal situação irracional e mudemos o modelo perverso que nos explora, desencanta e deprecia profissionalmente.

Entendamos a nossa situação assim, com essa pequena fábula:

Um jovem elefante tem uma das patas traseiras acorrentada, tenta se libertar sem sucesso e, ao se tornar adulto, no auge de sua força, tem a corrente substituída por uma fraca corda, porém, desconhecendo sua própria força diante de tão débil contenção, pelo condicionamento que lhe foi imposto pela corrente, acaba por se acomodar...

Do mesmo modo, o jovem médico é “acorrentado” por aqueles que o exploram, inclusive, ao lhe ser negado o famigerado “credenciamento” e, ao se

tornar maduro profissionalmente, a exploração a que foi submetido no início de sua carreira, que acorrentou seus sonhos e seus ideais, sejam, mais tarde, os grilhões substituídos por um “barbante”, que não resistiria a menor tentativa de libertação, da sua busca de realização como profissional (nessa fase, consegue seu credenciamento e fica muito grato por isso).

Basta que nós, fortes que somos (mas não

percebemos), nessa relação de remuneração, seja na rede pública ou privada, acreditemos que o que o prende é um “barbante”.

A nossa organização na Central Médica, **www.centralmedica.com.br**, é a força que arrebentará o barbante!

Um grande e ousado começo, que só depende de nós. ■
